

**Valor:** Mais uma vez, o senhor declara seu amor às coisas desprezíveis, diz que é um apaixonado de desperdícios, fala dos achadouros da infância e valoriza a sucata. Sua poesia é absolutamente anti-industrial e anti-moderna. Só há poesia nessas coisas laterais? Nas margens? Não pode haver poesia em um automóvel, uma cidade, uma nave espacial?

**Barros:** Ai, meu Deus! Há poesia em tudo. Mas essa é minha tara, é minha particularidade. Há quem veja poesia até nas máquinas mortíferas. Eu prefiro o cisco. O que faz uma poesia ser moderna é a linguagem e não o material usado.

**Valor:** Isso quer dizer que a poesia está nas coisas, e não em que às vezes vê? Mas, em "Ver", o senhor declara também o seu gosto supremo de ver. Afinal, onde está a poesia, no mundo, ou em quem o vê?

**Barros:** Beleza e glória das coisas o olho que põe. Acho que já escrevi isso. Penso que a gente produz a poesia adotando uma linguagem particular para o ver. A poesia pode sair de uma linguagem de retraves.

**Valor:** Em "Parrede", o senhor fala de seu apego a Vieira. Em "Cabeludinho", aparece o interesse sofisticado pelo chiste e pelos jogos de palavras. Em "Fraseador", o senhor define seu desejo. Como se sente um fraseador num universo poético que parece desconfiar da palavra?

**Barros:** Eu desconfio sim, às vezes, de alguma palavra. Tenho dúvidas de sua competência. Quando assim, eu boto ela de joelhos no caco de vidro até que ela me obedeça, me afaque e fique à feição de ser usada por mim. A palavra tem que me ser, para que eu a use.

**Valor:** A poesia contemporânea brasileira é (ou deseja ser) herdeira de João Cabral de Melo Neto. Os senhores parecem habitar opostos extremos. O senhor o lê? O que pensa de sua poesia?

**Barros:** Leio João Cabral de Melo Neto desde o seu primeiro livro. Poesia é construção com letras. Cabral é construtor de catedrais de palavras. Não importa se a catedral é de severinos. Não importa o tema, os temas. Importa a maneira de tratar os temas. Cabral tratava com rigor de engenheiro. Acho que a sua poesia tem a duração do para sempre.

**Valor:** As iluminuras de Martha de Barros, além de muito bonitas, estão em completa sintonia com seu texto. O senhor também escreve com imagens. Já teve o sonho de ser pintor?

**Barros:** Não tive nunca esse sonho. Mas fiz um curso, como ouvinte, de pintura, no Mu-



ILUMINURAS DE MARTHA BARROS/REPRODUÇÃO DO LIVRO

seu de Arte Moderna de Nova York só para aprender a ver. Aprendi que em pintura também se pode fazer metáfora de pássaros como a Martha faz.

**Valor:** "Acho que faço agora o que não pude fazer na infância", o senhor escreve. Como foi sua infância, muito solitária, muito tímida? Toda poesia é sempre a substituição de uma falta?

**Barros:** Minha infância a passei em uma fazenda no Pantanal. Nesse lugar o tempo era parado. Ou passava mais devagar que lesma. Às vezes a lesma chegava primeiro que o fim do dia. Eu não era solitário. Tinha três irmãos. A gente fabricava os nossos brinquedos. No lugar só tinha o nosso rancho e animais de sela. O que sufocava não era a falta de espaço. A gente só via distâncias. O que sufocava eram as distâncias. A gente inventava brinquedos o tempo todo. Agora eu invento brinquedos com palavras. Um vício que eu trouxe de lá.

**"Memórias Inventadas — A Infância". De Manoel de Barros. Com iluminuras de Martha Barros. Editora Planeta. R\$ 27,20**

## O poeta por ele mesmo

**E**u tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal-resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

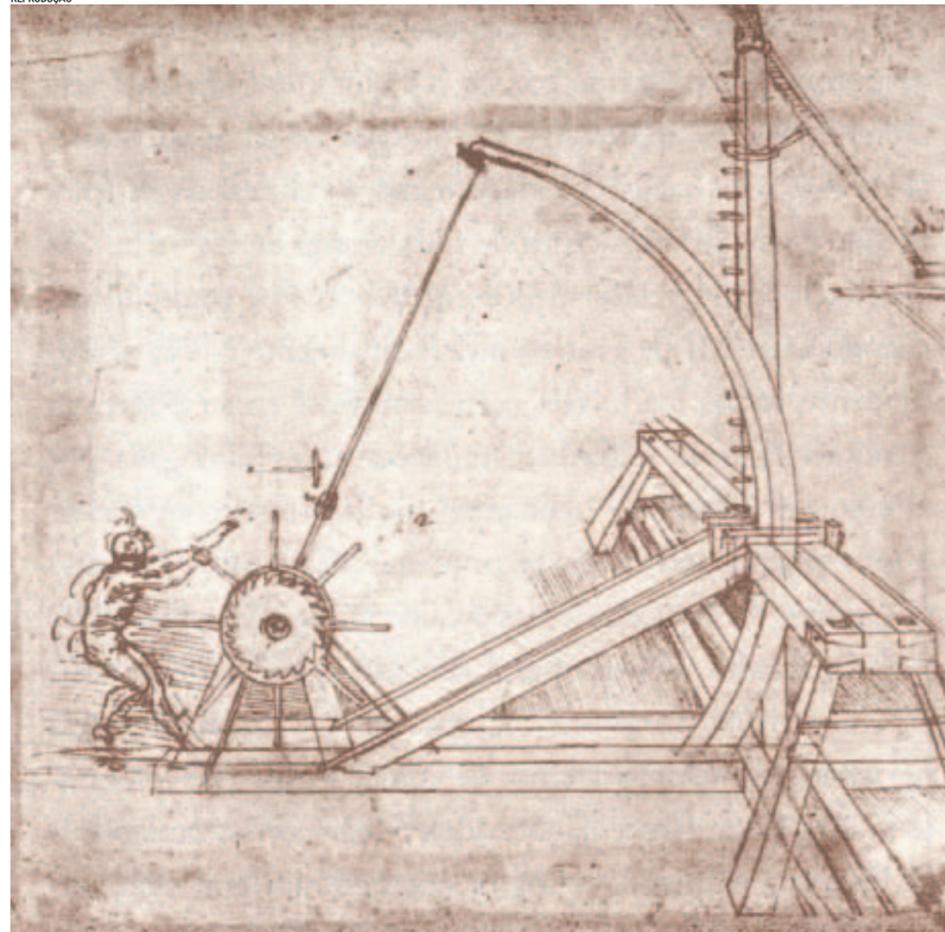
Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e suas árvores. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor.

**Trecho do livro "Memórias Inventadas", de Manoel de Barros**

GÊNIO GULOSO

# Pilotando o fogão com Da Vinci

REPRODUÇÃO



Precursor da atual máquina de fazer espaguete: Da Vinci criou o aparelho para transformar a lasanha na massa fininha

Livro apresentado na Feira do Livro de Buenos Aires revela mais uma faceta do pintor que também foi um cozinheiro. Por **Cristina R. Durán**

**T**odos sabem que o genial pintor renascentista Leonardo da Vinci (1452-1519), autor de obras-primas como a "Mona Lisa" e "A Última Ceia", também foi inventor, desenhista, engenheiro, arquiteto músico, escultor. Poucos sabem, no entanto, que ele foi, ainda, um criativo cozinheiro. Mais do que isso: sua cabeça idealizou instrumentos para melhorar e higienizar o ambiente nas cozinhas. Sobretudo, teve idéias de etiqueta para suavizar as mesas durante os grotescos e rudes banquetes oferecidos nos tempos do Renascimento. Em ambas as tentativas, ele foi incompreendido. Mas devem-se a ele alguns dos costumes que temos hoje.

O uso do guardanapo seria uma dessas idéias, só adotada passados muitos anos (ve-

"O livro é de prosa em versos e de poemas em prosa; eu quisera provar a mim mesmo que, retirar da linguagem o banal, faz poesia"